

## PAISAGENS, LUGARES E EXPERIÊNCIAS: LEITURA GEOGRÁFICA NA MUSICALIDADE DE LUIZ GONZAGA

Alana Cerqueira de Oliveira Barros <sup>1</sup>  
Jussara Fraga Portugal <sup>2</sup>

### RESUMO

As músicas de Luiz Gonzaga expressam relações com os lugares e as paisagens, são portadoras de sentidos e expressam percepções, emoções e experiências socioculturais. Por isso, compreendemos que as letras das canções apresentam potencialidades para a leitura geográfica a partir dos elementos que a constituem. Dessa forma, o presente texto é resultado de uma discussão ampliada do trabalho dissertativo *Entre letras, melodias e canções: uma leitura geográfica da obra de Luiz Gonzaga*, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus I, Salvador (BA). Nesse desdobramento, buscamos enfatizar a interface da música e sua correlação com os conceitos de lugar e paisagem, pois compreendemos que as canções são testemunhas de lugares experienciados, paisagens e contextos histórico-geográficos. Dessa forma, ressaltamos as contribuições da obra musical do artista brasileiro, cantor e compositor Luiz Gonzaga, pernambucano da fazenda Caiçara, em Exu-Pernambuco, que poetizou e eternizou o Nordeste brasileiro em sua musicalidade.

**Palavras-chave:** Luiz Gonzaga, Lugar, Paisagem, Música, Geografia.

### ABSTRACT

Luiz Gonzaga's songs express relationships with places and landscapes, carry meanings and express perceptions, emotions and sociocultural experiences. Therefore, we understand that song lyrics have potential for geographical reading based on the elements that constitute them. Thus, the present text is the result of an expanded discussion of the dissertation work *Between letters, melodies and songs: a geographic reading of the work of Luiz Gonzaga*, presented to the Postgraduate Program in Territorial Studies (Proet), linked to the University of State of Bahia, campus I, Salvador-Ba. In this development, we seek to emphasize the interface of music and its correlation with the concepts of place and landscape, as we understand that songs are witnesses of experienced places, landscapes and historical-geographical contexts. In this way, we highlight the contributions of the musical work of the Brazilian artist, singer and composer Luiz Gonzaga, from Pernambuco from the Caiçara farm, in Exu-Pernambuco, who poeticized and immortalized the Brazilian northeast in his musicality.

**Keywords:** Luiz Gonzaga, Place, Landscape, Music, Geography.

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Territoriais pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (Proet) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), [alana.cerqueira.geo@gmail.com](mailto:alana.cerqueira.geo@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet). Líder do grupo de pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores, [jportugal@uneb.br](mailto:jportugal@uneb.br) / [jfragaportugal@yahoo.com.br](mailto:jfragaportugal@yahoo.com.br).

## **NOTAS INICIAIS: ROTAS, QUESTÕES E INTENÇÕES**

As músicas de Luiz Gonzaga expressam relações com os lugares e as paisagens, são portadoras de sentidos e revelam percepções, emoções e experiências socioculturais. Por compreendemos que as letras das canções apresentam potencialidades para a leitura geográfica a partir dos elementos que a constituem, construímos a pesquisa dissertativa intitulada *Entre letras, melodias e canções: uma leitura geográfica da obra de Luiz Gonzaga*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* I, Salvador (BA). A questão que norteou esta pesquisa foi: como os conceitos geográficos – lugar e paisagem – são abordados nas canções de Luiz Gonzaga? A partir dessa questão, as letras das canções que permeiam a obra de Luiz Gonzaga foram o objeto. Mediante análise e interpretação das letras das canções, é possível afirmar que há muitos elementos que retratam o Sertão nordestino, seus lugares e paisagens, o cotidiano da vida do seu povo e suas tradições. Dessa forma, o repertório de Luiz Gonzaga permite visualizar e interpretar as geografias que emergem dos contextos nordestinos, da identidade do povo sertanejo, seus modos de vida e das manifestações culturais que demarcam paisagens e lugares que dialogam com as experiências dos espaços vividos.

Dessa forma, o presente texto tem a intenção de apresentar as possibilidades de leitura geográfica a partir dos conceitos – lugar e paisagem – que emergem na obra do cantor, compositor e intérprete, Luiz Gonzaga. Para isso, apresentaremos de forma breve alguns trechos da biografia do autor e, posteriormente, discutiremos os conceitos de lugar e paisagem na perspectiva da Geografia Humanista.

### **LUIZ GONZAGA: VIDA E ARTE**

Luiz Gonzaga do Nascimento vem de um lugar habitado, falado e poetizado em suas inúmeras canções. Foi na fazenda Caiçara, lá em Exu, no estado de Pernambuco que nasceu no dia 13 de dezembro de 1912 o famoso Gonzagão, filho do mestre da sanfona, Januário dos Santos, e Ana Batista de Jesus.

A inspiração inicial com a música veio através do famoso Januário, que era mestre da sanfona, exímio tocador, e também consertava esse instrumento, quando precisava de ajuste, para todas as pessoas da região. Desde então, Gonzaga começou a nutrir forte admiração pelo



ofício do seu pai e se sentiu seduzido pela música. Dessa forma, os primeiros passos da iniciação musical foram dados por meio da influência de seu pai, que:

Passou a chamá-lo para o concerto das sanfonas. Viu que o moleque tinha um bom ouvido. Formou-o, e o menino se tornou piloto de provas do pai: ‘Experimenta aí Luiz, vê se a afinação tá boa...’ Aos poucos, Gonzaga ia aperfeiçoando sua técnica no fole. Até que Januário achou que o filho podia acompanhá-lo nos bailes (Dreyfus, 1996, p. 41).

O saber ancestral e de geração em geração tem muito valor diante de um contexto social iletrado. Nesse sentido, a figura do pai é uma ancestralidade que se torna marcante na trajetória artística de Luiz Gonzaga. Essa referência se faz presente em diversas canções, entre elas

‘Seu Januário’ (Luiz Gonzaga, 1942), ‘Respeita Januário’ (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1950), ‘Januário vai tocar’ (Januário José dos Santos, 1952) e ‘O maior tocador – seu Januário’ (Luiz Guimarães, 1965), ‘Adeus a Januário’ (João Silva e Pedro Maranguape, 1979) (Portugal; Souza, 2015, p. 209).

A música fazia parte do cotidiano no qual Luiz Gonzaga estava inserido, desde o trabalho do seu pai e, também, de Santana, sua mãe, que era cantadeira de igreja e puxadora de reza e ladainhas. O saber/fazer musical teve influências nos modos de vida que experienciavam na cultura local, com a participação na comunidade, em novenas, benditos e ladainhas. A percepção musical e o gosto pelos instrumentos foram sendo gestados de forma natural, devido às influências positivas que havia dentro de sua própria casa.

A trajetória de vida de Luiz Gonzaga foi marcada por mobilidades, travessias, deslocamentos, cujas experiências contribuíram para compor muitas canções que cartografam os lugares por onde transitou: a canção de Humberto Teixeira, “Baião de São Sebastião”, 1973, retrata de forma singular a aparição de Gonzaga no Rio e o início de divulgação do baião. Vejamos um trecho da letra:

*Vim do Norte  
O quengo em brasa  
Fogo e sonho do sertão  
E entrei na Guanabara  
Com tremor e emoção  
Era um mundo todo novo  
Diferente meu irmão  
Mas o Rio abriu meu fole  
E me apertou em suas mãos  
É Rio de Janeiro  
Do meu São Sebastião  
Pára o samba três minutos  
Pra cantar o meu baião  
[...]*



*No começo eu tive medo  
Muito medo meu irmão  
Mas olhando o Corcovado  
Assusseguei o coração  
Se hoje guardo uma saudade  
É enorme a gratidão  
E por isso Rio amigo  
Te ofereço este baião!*

Uma parte importante de sua vida compõe os elementos subjetivos presentes na canção; sua experiência migrante, saindo do “Norte” e se defrontando com uma realidade “diferente meu irmão”. Esses dois elementos em particular retratam os caminhos percorridos por Luiz Gonzaga e o sentimento de estranheza ao chegar a um lugar tão diferente de seu contexto inicial de vida. Esse processo ajudou a tecer a continuação de sua trajetória, embora essa decisão contivesse medos e incertezas: “No começo eu tive medo/ muito medo meu irmão”. Ele, no entanto, reconhece o Rio de Janeiro como o espaço para os aspirantes à carreira artística e agradece pela visibilidade que o Rio lhe proporcionou.

Na sua trajetória artística, até adquirir, de fato, o reconhecimento como um grande artista, Luiz Gonzaga percorreu um longo caminho, marcado por muita e inabalável persistência para alcançar o êxito musical, a credibilidade e a admiração do público.

Gonzaga era um homem criativo, cheio de ideais, porém precisava de um homem letrado para expressar em versos toda essa fonte criativa. Isso resultou em uma série de parcerias musicais estabelecidas ao longo de sua carreira, dentre elas, as mais famosas foram COM Humberto Teixeira e José de Souza Dantas Filho, ou Zé Dantas. Através das suas parcerias, o baião atinge o seu reinado máximo:

O baião estava definitivamente implantado, era moda incontornável, manchete da imprensa. Enquanto *Radar* anunciava: ‘A ordem agora é baião – Coqueluche nacional de 1949’, o *Diário Carioca* publicava reportagem na qual afirmava que o ‘o baião vem fazendo estremecer todo o vasto império do samba e já agora não se poderá mais negar a influência decisiva desse gênero musical na predileção do povo’. E a *revista O Cruzeiro* publicava uma reportagem com fotos para ensinar o público a dançar o baião. No Brasil inteiro, a mídia focalizava a grande moda (Dreyfus, 1996, p. 138).

Gonzaga foi um sujeito ativo na construção do baião e da representação simbólica, com músicas que abordavam temáticas genuinamente nordestinas. Cantou, interpretou, foi ator e personagem de suas canções. Por isso, desfrutara de todo o sucesso construído. Os sentidos e significados extraídos das canções do artista permitem mobilizar um entrelaçamento com o seu meio natural, social e cultural. Foi mobilizando esse lugar de fala que Gonzaga construiu seu



legado artístico, pois “[...] as músicas de Luiz Gonzaga são recursos comunicativos, que instituem um lugar, acionando um imaginário já gravado na memória coletiva” (Nascimento, 2018, p. 30).

Por fim, na seção seguinte, evidenciamos como sua musicalidade foi marcada por temas e sentimentos diversos – religiosidade, seca, migração, saudade, pertencimento, modos de vida, geografia do Sertão nordestino, lugares e seus cotidianos, pessoas que foram enaltecidas em sua obra –, mostrando sua genialidade enquanto compositor e intérprete.

## **MÚSICA, LUGAR E PAISAGEM**

As primeiras iniciativas, em relação à incorporação de expressões artísticas aos estudos geográficos, são localizadas na Europa e na América do Norte. Entre essas expressões, a literatura obteve o maior arcabouço de teóricos, de títulos e de trabalhos do que aqueles dedicados a propor uma relação entre música e Geografia.

A construção de trabalhos com produções inspiradas na abordagem cultural delinea novas possibilidades e também desafios para aqueles pesquisadores que pretendem “[...] trilhar outras abordagens teóricas e metodológicas na ciência geográfica, estabelecendo uma conciliação entre ciência e arte, razão e sentimento” (Almeida; Vargas; Mendes, 2011, p. 24). Tal concepção vem se estruturando há cerca de três décadas, ao esboçarem, dentro da Geografia, novos horizontes para a melhor compreensão de como os homens apreendem e mantêm relações com o seu entorno, os significados e os sentidos que dão aos lugares.

Desse modo, Claval (2012) aponta o contexto e os percursos do desenvolvimento da abordagem cultural da geografia brasileira. A virada para estudos com essa dimensão acontece, de forma mais marcante, na década de 1990, pois até então vinha se desenhando de forma marginal na Geografia e, a partir disso, houve uma estruturação e uma consolidação de forma mais consistente.

Graças a essa abertura para a inserção de novos debates, temos essa possibilidade de explorar uma multiplicidade de temáticas pela dimensão geográfica de estudos. Isso a partir da música, da literatura e do cinema, tendo em vista a apreensão do real, dos simbolismos, das questões culturais e religiosas.

Há, portanto, uma tendência de pesquisas direcionadas para esse campo de estudos, com a incorporação da literatura, do cinema e da música. No Brasil, é ilustrativo o desenvolvimento

de pesquisas em torno dessa dimensão. Por isso, destacamos o pioneirismo do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Cultura (Nepec), coordenado pelos professores Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, ao protagonizar discussões em torno da Geografia Cultural. O grupo vai fortalecer as reflexões em torno da Geografia da Religião. Segundo Claval (2012), a institucionalização da Geografia Cultural vai prosseguir no decorrer dos anos 2000, por meio da criação de outros grupos de trabalhos nas mais distintas universidades brasileiras.

A partir de 1990, houve um amadurecimento de estudos debruçados na perspectiva interpretativa de letras de músicas. Destacamos o trabalho precursor de João Baptista Ferreira de Mello<sup>3</sup> na geografia brasileira, com sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1991, na qual analisa a cidade do Rio de Janeiro, sob a perspectiva de seus compositores, entre os anos de 1928 a 1991, como enfatiza Panitz (2012).

Ainda no cerne da Geografia Cultural e suas possibilidades discursivas, destacamos que, através da Geografia Humanista, um novo horizonte tornou-se possível para a incorporação de “[...] fenômenos tais como ansiedade, comportamento, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição [...]” (Relph, 1979, p. 1). Dessa forma, o lugar é concebido enquanto um conceito-chave, que é dotado de sentimentos, de experiências e de pertencimento. Outro entendimento de lugar pode ser acrescentado com as reflexões de Mello (2011, p. 10):

Para a formação da identidade do lugar a relação entre a pessoa e toda a aura que a envolve é essencial. Experiência, símbolos, significados e permanência contribuem para forjar o sentido de lugar. As brincadeiras no espaço coletivo, a respeitabilidade e a convivência em endereços diversos, despertam um profundo sentimento de bairrofilia, sensação esta de apego, pertencimento, filiação e bem-estar.

É a partir dessa compreensão de lugar, ancorada na perspectiva da Geografia Humanista com base fenomenológica, que construiremos estas reflexões. Tuan (1983, p. 245) sinaliza que

---

<sup>3</sup> Entre pesquisas que enfatizaram a alma dos lugares, os simbolismos nas canções e as percepções das pessoas com/sobre os lugares de vivências e de experiências, temos o legado do professor João Baptista Ferreira de Mello, professor de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) que faleceu dia 11 de julho de 2021. Um dos precursores da Geografia Humanista e da Geografia da música no Brasil, construtor de uma geografia viva, com o seu projeto “Roteiros Geográficos do Rio”, em que apresentava a cidade do Rio de Janeiro com uma caminhada a pé pelos principais pontos da cidade, destacando suas transformações, histórias, memórias... Impulsionou a construção de uma Geografia dos sentimentos, do mundo vivido. Seu trabalho inovador inspirou e inspira muitos de nós geógrafos, que buscamos outros modos de fazer pesquisa e de praticar a docência em Geografia, considerando as nuances e as percepções sobre os lugares, por meio da análise e das narrativas sobre as nossas vivências e experiências.

“[...] uma grande quantidade de dados provenientes da experiência está destinada ao esquecimento porque não podemos encaixar as informações nos conceitos das ciências físicas que aceitamos sem criticar”. Por muito tempo, a Geografia priorizou uma base científica ancorada nos moldes do racionalismo, pregada e defendida no rigor da mensuração, que afasta o “eu” e as experiências e prioriza o objeto, razão. O surgimento da Geografia Humanista, que trata do ser no mundo, da experiência humana e de suas relações estabelecidas com o espaço e o lugar, “[...] ainda encontra dificuldades de aceitação quando investiga e apresenta, cientificamente, a realidade das percepções, atitudes e valores em relação ao meio ambiente” (Sturza, 2020, p. 12).

Da experiência vivida, Luiz Gonzaga extrai elementos para a construção de suas canções, com fragmentos biográficos e narrativas valiosas que inspiram trabalhos como fonte de pesquisa geográfica. Muitas letras das canções de Luiz Gonzaga retratam o(os) lugar(es) onde ele experienciou vivências no contexto da vida cotidiana do Sertão nordestino. Dessa forma,

A música de um lugar pode oferecer ao estudo geográfico elementos para a leitura do compartilhamento e da construção da memória e dos símbolos nele existentes [...]. O estudo da música deve levar em consideração o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais. Pensar o lugar remete a pensar na localização, assim como nas paisagens que este comporta (Torres; Kozel, 2010, p. 128).

As rezas, as festas tradicionais, as vaquejadas e as práticas de adjutórios<sup>4</sup> versejadas em suas canções retratam a imersão nos labirintos das suas memórias e evocam reminiscências dos tempos da vida no Sertão. Então, mesmo como migrante em outros contextos, as experiências vividas no Sertão nunca deixaram de ser retratadas em suas canções.

Observemos a letra da canção “No meu pé de Serra” (Luiz Gonzaga; Humberto Teixeira, 1942):

*Lá no meu pé de serra  
Deixei ficar meu coração  
Ai, que saudades tenho  
Eu vou voltar pro meu sertão  
No meu roçado trabalhava todo dia  
Mas no meu rancho tinha tudo o que queria  
Lá se dançava quase toda quinta-feira  
Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira  
O xote é bom  
De se dançar*

<sup>4</sup> “Adjutórios” – termo de origem latina (*adjutorium*). Encontros realizados por pessoas da comunidade para assegurar a produção dos pequenos agricultores e manter a tradição de trabalho coletivo e solidário. Havia uma rotatividade na ajuda ao outro. Esse trabalho era desenvolvido na forma de mutirão (Portugal, 2013, p. 44).



*A gente gruda na cabocla sem soltar  
Um passo lá  
Um outro cá  
Enquanto o fole tá tocando,  
tá gemendo, tá chorando,  
Tá fungando, reclamando sem parar*

Especialmente bela, essa canção reporta o ouvinte às experiências migrantes, no que se refere às travessias experienciadas pelos dois nordestinos e compositores. Dessa forma,

‘Pé de Serra’ na realidade é uma polca charmosa e alegre, que encantou os fregueses da Cidade Nova e até os passantes na rua, que pararam à porta do bar para curtir o som fascinante da sanfona. Gonzaga nunca esqueceria a felicidade que sentiu ao ver o público rindo, aplaudindo, gritando, pedindo bis (Dreyfus, 1996, p. 82).

Talvez tenha sido só o ritmo contagiante, ou também os sentidos que a letra e a melodia causaram ao público. Fato é que a música compila elementos referentes à cultura sertaneja. Por isso, relembra, com grande estima, os costumes do lugar, quando “lá se dançava quase toda quinta-feira” e, mais uma vez, os personagens que constituem as canções exprimem o desejo do retorno ao seu lugar de origem, pois “lá no meu pé de serra/ deixei ficar meu coração/ ai, que saudades tenho/ eu vou voltar pro meu sertão”. Assim, a promessa do retorno ilustra a forte relação de pertencimento à sua identidade e ao seu lugar, de modo que, quando os personagens lembram as origens, lembram-nas sempre com um tom saudoso, nostálgico.

Conforme salienta Portugal (2013, p. 257), ao expressar, na letra da canção, o desejo de retornar ao seu lugar de origem, os cancioneiros reafirmam que o constructo de “[...] identidade está intrinsecamente ligado à categoria lugar, que retrata as experiências vividas no cotidiano e que demarca sentimentos de familiaridade, de afetividade [...]”, cujas situações retratam, também, um modo singular de existir e a sua relação com o mundo, a qual comporta histórias, acontecimentos, ao situar “[...] uma experiência direta com o lugar vivido, com o seu lugar, que lhe é familiar, que tem significados para eles, significados dados pelas relações pessoais, e muitas vezes pela experiência afetiva” (Cavalcanti, 2009, p. 147). Assim, é pertinente coadunar com Marandola Júnior (2012, p. 228), quando este destaca que “[...] é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo”.

No âmbito dos estudos geográficos, a ênfase na paisagem ancorada no viés fenomenológico é percebida com mais clareza a partir do movimento de renovação da Geografia, denominado de Geografia Humanista. Alguns nomes foram especialmente importantes por conceber, em obras anteriores a esse período, caracterizações e reflexões



contidas no bojo desse movimento, Carl Sauer e Éric Dardel, que foram pioneiros ao associar a figura humana como relevante nas paisagens.

Enfatizando as contribuições da fenomenologia, Holzer (1997, p. 81) aponta que:

A geografia tem um termo que me parece muito mais rico e apropriado para o seu campo de estudo. Esta palavra incorpora ao suporte físico os traços que o trabalho humano, que o homem como agente, e não como mero espectador, imprime aos sítios onde vive. Mais do que isso, ela denota o potencial que um determinado suporte físico, a partir de suas características naturais, pode ter para o homem que se propõe a explorá-lo com as técnicas de que dispõe. Este é um dos conceitos essenciais da geografia: o conceito de 'paisagem'.

Complementa que a paisagem é um dos conceitos “[...] que permite à Geografia colocar-se como uma das ciências das essências nos moldes propostos pela fenomenologia” (Holzer, 1997, p. 81). Contudo, cabe situar que a paisagem não é o conceito central do movimento humanista, e sim o lugar que assume marca registrada. E, especialmente na Geografia brasileira, as contribuições de Holzer (1994), em sua tese de doutorado, intitulada *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*, ele, por meio de narrativas biográficas, explorou as experiências espaciais dos nativos, dos viajantes e dos primeiros ocupantes europeus durante o período de descobrimento da América.

Dada a sua importante contribuição nos estudos da paisagem pelo viés fenomenológico, Holzer (1994) enfatiza que o conceito de paisagem estava restrito, até o início do século, a alguns grupos de estudiosos. Talvez esse aspecto tenha influenciado o fato de os geógrafos fenomenologistas terem se ocupado com os conceitos de mundo e de lugar, enquanto praticamente ignoraram o de paisagem. Dessa forma, a paisagem é um conceito historicamente datado na Geografia e

diversamente do conceito de lugar, cuja origem se perde nas brumas do tempo, o conceito de paisagem é um conceito datado. Ele surgiu no Ocidente, com o Renascimento, um momento propício a inovações tecnológicas, atrelado a um novo sistema de representação do espaço (Holzer, 1994, p. 51).

No âmbito da Geografia francesa, destacamos as contribuições de Dardel (2011, p. 32), quando destaca que “[...] a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social”. Para o autor, a paisagem não se limitava a um ato contemplativo. Dessa forma,



Há, na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta, como uma expectativa ou uma lembrança. Toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento (Dardel, 2011, p. 33).

Para além da compreensão enquanto teoria geográfica ou como valor estético, a paisagem, na compreensão do autor, compreende-se como expressão fiel da existência, colocando em evidência a totalidade do ser humano e as suas ligações com a Terra. Dessa maneira, “a paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma a forma de ausência. Ela fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circunspeta e atarefada” (Dardel, 2011, p. 32).

Muitas canções retratam, nas suas letras, elementos que possibilitam ao ouvinte imaginar os lugares e as situações experienciadas por quem compôs e/ou interpreta a canção. Sobre essa questão, algumas canções de Luiz Gonzaga comportam essa dimensão de percepção sobre a paisagem descrita, conforme verso da canção “Estrada de Canindé” (Luiz Gonzaga; Humberto Teixeira, 1950) a seguir:

*Ai, ai, que bom  
Que bom, que bom que é  
Uma estrada e uma cabocla  
Cum a gente andando a pé  
Ai, ai, que bom  
Que bom, que bom que é  
Uma estrada e a lua branca  
No sertão de Canindé  
Artomove lá nem sabe se é home ou se é muié  
Quem é rico anda em burrico  
Quem é pobre anda a pé  
Mas o pobre vê nas estrada  
O orvaio beijando as flô  
Vê de perto o galo campina  
Que quando canta muda de cor  
Vai moiando os pés no riacho  
Que água fresca, nosso Senhor  
Vai oiando coisa a grané  
Coisas qui, pra mode vê  
O cristão tem que andá a pé*

Enquanto uma possibilidade de apreensão do real, a paisagem é portadora de inúmeros significados e elementos. Já afirmava Santos (1996, p. 61) que a paisagem não é constituída “[...] apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”. Então, comporta uma dinâmica de sons, de valores sociais, culturais e históricos.

Dessa forma, a apreensão das paisagens pelos sujeitos é uma experiência íntima, porque o sentir é único, e os sentidos corporais – tato, audição, visão, olfato e paladar – interagem mutuamente, trazendo beleza-feiura, alegria-tristeza e nostalgia às paisagens e, juntamente às



experiências individuais, constroem as singularidades individuais. Dessa forma, “Reconhecer-se supõe uma apropriação do espaço pelo sentido. É plenamente uma experiência individual, mesmo se os saberes coletivos e a aculturação também contribuem” (Claval, 2001, p. 194).

Essas caracterizações da paisagem revelam que ela é dotada de uma multidimensionalidade e multisensorialidade, ao passo que pode ser apreendida por diversos órgãos sensoriais. Há uma riqueza muito grande com a incorporação desse debate na perspectiva geográfica, possibilitando um maior entrelaçamento com aspectos sensíveis, de percepção e de humanismo. Desse modo,

a paisagem é uma categoria de análise de estudo do espaço que se relaciona às experiências dos indivíduos. Contém a materialidade sensível dos objetos dispostos no espaço, e os significados e sentidos simbólicos que lhes são atribuídos pelas pessoas (Torres, 2018, p. 142).

Dentro dessa convergência, a paisagem é constituída de elementos materiais e atribuições simbólicas que os diferentes grupos sociais dão, refletindo a identidade cultural das sociedades, os códigos e os valores que singularizam cada grupo.

A seguir, refletimos sobre a paisagem retratada na música “Cacimba nova” (1964), cantada e imortalizada em verso e prosa por Luiz Gonzaga e letra do poeta Zé Marcolino. As músicas de Luiz Gonzaga abordaram, ao longo de seu cancionário, uma vasta temática, desde os sentimentos e as experiências com os lugares e as paisagens, perpassando pelas relações do homem com a sua cultura, religiosidade, sua língua e sua gente. Cotidiano, memória, passado e presente relacionados numa síntese que dialoga com poesia e genialidade. A seguir, apresentamos a canção que desperta também essas compreensões:

**(Luiz Gonzaga e José Marcolino, 1964)**

*Fazenda Cacimba Nova  
Foi bonito o teu passado  
Ainda estás dando a prova  
Pelo o que vejo a teu lado  
Um curral grande, pendido  
Um carro velho, esquecido  
Pelo Sol todo encardido  
Sentido, sem paradeiro  
Falta de juntas de bois  
Que lhe levavam de dois  
Obedecendo ao carreiro  
Resistente casarão  
Em ti as festas rolavam  
Quando os vaqueiros brincavam  
Em corridas de mourão  
Um touro velho berrando  
No tronco do pau fungando*



*Os seus chifres amolando  
Com o maior desespero  
Um heroísmo tamanho  
Em defesa do rebanho  
Fazendo medo a vaqueiro  
Quem te ver sai suspirando  
Lamentando cada instante  
Vendo o tempo devorando  
O teu passado brilhante  
Mas rogo a Deus para um dia  
Reinar-te ainda alegria  
Paz, sossego e harmonia  
Voltando a felicidade  
Que um sentimental vaqueiro  
Passando no seu terreiro  
Solte um aboio de saudade  
E, e, e, o, e  
E, boi*

Logo nos primeiros versos da canção, a paisagem do lugar é facilmente visualizada por qualquer ouvinte: “Fazenda Cacimba Nova/ Foi bonito o teu passado”. Ao ser poetizada, a canção passa a apresentar-se subjetiva e individualmente no imaginário de cada pessoa que escuta a música, muitas vezes como uma paisagem idealizada de campo, com um ambiente calmo, sem muita agitação.

Ainda sobre o trecho destacado, a noção de temporalidade é enfatizada no excerto: “Foi bonito o teu passado”, associando com os versos: “Resistente casarão/ Em ti as festas rolavam/ Quando os vaqueiros brincavam em corridas de mourão”. Os elementos são descritos em um tom melancólico, saudosista, num movimento de profunda valorização quanto aos momentos que foram vivenciados numa paisagem que ficou guardada na memória. E, nesse processo dialógico, a narrativa expressa um detalhamento de descrição da paisagem da fazenda: “um curral grande, pendido”, “um carro velho, esquecido”, “resistente casarão”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A poética musical e a obra de Luiz Gonzaga remetem a um lugar narrativo: o Nordeste. Foi desse contexto que Gonzaga extraiu os elementos que compuseram as letras das suas canções e demarcaram a sua trajetória artística, soando aos quatro cantos do Brasil, dando visibilidade a esse lugar.

Com sua genialidade e potencial artístico, esse artista pernambucano, nascido em Exu, soube contar histórias como ninguém. Trouxe alegria, vigor e muita representação para os holofotes artísticos. Explorou as suas vivências no Sertão e traduziu, em versos, as pessoas do seu cotidiano em personagens como vaqueiros, parteiras e Rosinhas. Os lugares, os cenários,



os aboios, as festas e a religiosidade são elementos constituintes de seu cancionero. Foi da realidade vivida que sua obra foi inspirada e construída, contendo subjetivamente suas experiências em casos de verdadeiros relatos autobiográficos.

Consideramos, portanto, a música como fonte de pesquisa, um rico e potente dispositivo documental e, especialmente, as letras das canções que são capazes de enunciar e de anunciar leituras geográficas em diversas escalas e temáticas. Nesse sentido, estabelecemos um diálogo entre a interface música e Geografia, corroborando com autores que conectam as discussões em diferentes óticas, baseados em um quadro geográfico diversificado no trabalho com a música.

As músicas selecionadas, cujas letras foram analisadas, transcendem o lugar enquanto uma delimitação espacial, mas corroboram com as dimensões subjetivas, as histórias de vida, as emoções evocadas pelos sujeitos – topofilia e topofobia –, para aqueles que migraram, a necessidade de voltar ao seu torrão natal e de rever as paisagens, as pessoas, os elementos materiais e simbólicos que compõem o lugar.

A paisagem foi discutida no bojo das diferentes correntes geográficas e especialmente enfatizada sob o olhar e as contribuições da Geografia Cultural, cuja abordagem nos permitiu construir o arcabouço necessário para a análise das letras das canções. Nesse contexto, “[...] a paisagem partilha da existência humana, colorindo e sendo colorida por ela” (Relph, 1979, p. 14). A presença humana e seus modos de vida lhe concebem significado, pois a paisagem é vivida e experienciada cotidianamente, uma vez que, “[...] muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido”. (Dardel, 2011, p. 30). A paisagem também comporta elementos sonoros, cheiros e dinamicidade. Por isso, compreendê-la apenas pela leitura visual é limitar a sua capacidade de interpretação. Esses elementos também são portadores de valores culturais, como os sons do trânsito das grandes metrópoles, o sino da igreja, o cheiro da casa dos avós.

A paisagem que emerge das canções de Luiz Gonzaga se apresenta como um mosaico de cenários, das identidades, das relações de pertencimento e também da multiplicidade e da simbologia dos sons. O cancionero gonzagueano nos permite a construção de uma leitura geográfica, ao comportar diversos elementos que retratam as paisagens: a Caatinga, a seca, a asa branca e os símbolos que emergem do lugar: a fazenda, o forró, a fogueira, as festas juninas e tantos outros que expressam a reafirmação de um diálogo geográfico com sua obra.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. de; V., M. A. M.; MENDES, G. F. Territórios, paisagens e representações: um diálogo em construção. **Mercator**: revista de geografia da UFC, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 23-35, maio/ago. 2011. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273619427003>. Acesso em: 4 set. 2023.

BAIÃO de São Sebastião. Composição: Humberto Teixeira. Intérprete: Luiz Gonzaga. *In*: LUIZ Gonzaga. Intérprete: Luiz Gonzaga. [Brasil: Odeon], 1973. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1560690/>. Acesso em: 4 set. 2023.

CACIMBA nova. Composição: Zé Marcolino. Intérprete: Luiz Gonzaga. *In*: A TRISTE partida. Intérprete: Luiz Gonzaga. Brasil: RCA Victor, 1964. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/261210/>. Acesso em: 5 set. 2023.

CAVALCANTI, L. de S. A educação geográfica e a formação de conceitos: a importância do lugar no ensino de Geografia. *In*: GARRIDO, M. P. (org.). **La espesura del lugar: reflexiones sobre el espacio em el mundo educativo**. Santiago de Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009. p. 135-151.

CLAVAL, P. A geografia cultural no Brasil. *In*: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em geografia**. Salvador: Edufba: Edições L'Harmattan, 2012. p. 11-25.

CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 36-85.

DARDEL, É. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DREYFUS, D. **Vida de viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Editora 34, 1996.

ESTRADA de Canindé. Composição: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Intérprete: Luiz Gonzaga. *In*: O TORRADO e Estrada de Canindé. Intérprete: Luiz Gonzaga. Brasil: RCA Victor, 1950. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47087/>. Acesso em: 4 set. 2023.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, 1997.

HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1994. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. *In*: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-248.

MELLO, J. B. F. de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. **Revista ACTA Geográfica**, Boa Vista, ano 5, n. 9, p. 7-14, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/429/629>. Acesso em: 8 fev. 2021.

NASCIMENTO, N. de M. **Luiz Gonzaga um contador do Nordeste do Brasil**. Curitiba: Appris, 2018.

NO MEU Pé de Serra. Composição: Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. Intérprete: Luiz Gonzaga. *In*: SAUDADES de Ouro Preto. Intérprete: Luiz Gonzaga. Brasil: **RCA Victor**, 1942. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47092/>. Acesso em: 4 set. 2023.

PANITZ, L. M. Por uma geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 110, jul./dez. 2012.

PORTUGAL, J. F. **“Quem é da roça é formiga!”**: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/teses/2013/0109141653.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

PORTUGAL, J. F.; SOUZA, H. R. de. “Eu vou contar pra vocês...” – A arte de Luiz Gonzaga e a Geografia do Nordeste brasileiro. **Terra Livre**, São Paulo, ano 30, v. 1, n. 44, p. 201-235, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/596>. Acesso em: 30 out. 2023.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. p. 1-25, 1979.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1996.

STURZA, J. A. I. O resgate e a importância do conceito lugar na geografia em tempos de pandemia. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, MS, p. 9-30, n. 28, jan./jun. 2020.

TORRES, M. Os sons da paisagem: entre conceitos, contextos e composições. **Geograficidade**, v. 8, p. 141-154, primavera 2018. Edição especial. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13165>. Acesso em: 21 set. 2023.

TORRES, M. A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **R’aega**: o espaço geográfico em análise, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20616/13762>. Acesso em: 6 set. 2023.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.